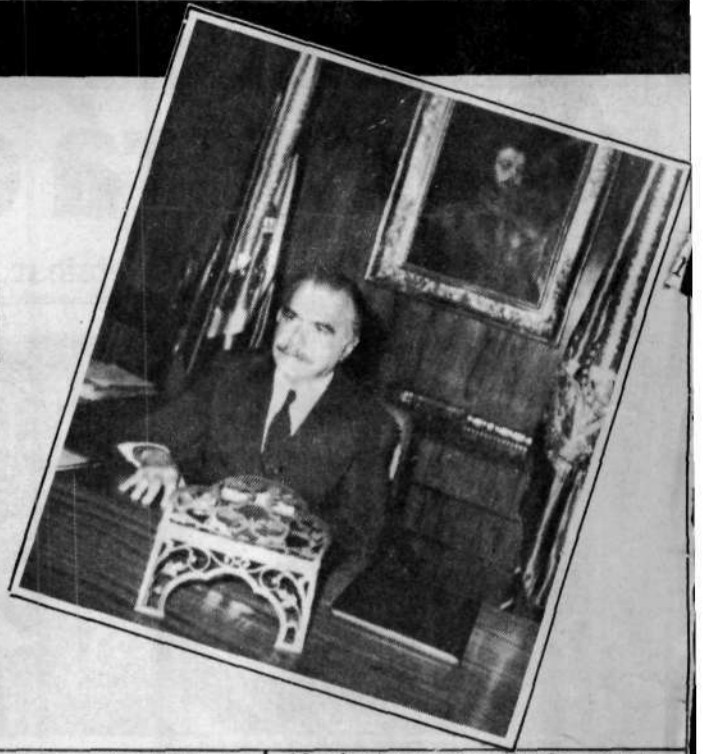


Guerra à inflação

A inflação acabou, anuncia Sarney.

Discurso



O programa de estabilização da economia está dando certo e vai continuar. Esse foi o principal recado dado ontem pelo presidente em seu pronunciamento, quando anunciou uma deflação de 1,48% em março.

Em março, houve uma deflação de 1,48%, sendo que no item alimentação a queda foi de 5%. Esta era, em síntese, a notícia mais importante que o presidente Sarney tinha para dar ontem, em seu pronunciamento pelo rádio e televisão, em que anunciou: "A inflação acabou". Mas ele aproveitou também para fazer uma prestação de contas dos resultados do plano de estabilização da economia, um mês e meio após sua implantação, e concluiu: "O programa é esse. Está dando certo e vai continuar".

Sarney anunciou também que o congelamento de preços vai continuar. "Se afrouxarmos", disse o presidente, "volta tudo de novo. Nada destruirá um plano que é patrimônio do povo brasileiro. Por outro lado, estão enganados os que pensam prejudicar o Projeto Cruzado." Sarney fez um apelo ao povo para que continue a vigiar os preços. "O povo compreendeu que pela primeira vez na história ele não é massa de manobra. Não é convocado para ser manipulado. É o beneficiário e o destinatário da ação do governo. Pensou-se nos pequenos e não se tem medo dos grandes, dos manipuladores de papéis. Criou-se um estado de espírito diferente. Esse espírito não pode arrefecer. Não deve passar. Não pode diminuir. Vamos permanecer mobilizados. É um apelo, é uma necessidade. É um direito e um dever de cidadania".

O balanço do primeiro mês do cruzado, segundo o presidente José Sarney, atesta que não aconteceu nenhuma das previsões pessimistas, que não existe nenhum desvio estrutural comprometendo o êxito do programa. Ele não compromete o crescimento econômico, que deve ficar em torno de 5%; a taxa de

emprego vai subindo a índices superiores aos do ano passado — em 86, o emprego cresceu 2,9%; as vendas no comércio varejista aumentaram, em março, 10%; no setor das exportações o aumento foi de 34%, o que significa um superávit de US\$ 665 milhões. A indústria cresceu 12,3%; o aço 10%; e o consumo de energia elétrica 9%.

Ironia

O presidente aproveitou para contar um episódio passado há alguns meses, no Forte de São José de Macapá. Lá, uma velha senhora, descendente de escravos, saudou-o com uma ironia: "Seu Zé Sarney, como vai, como passou? Já sei que o senhor veio dizer que a nossa inflação baixou..." Sarney confessou que baixou a cabeça porque nada podia responder, mas sentiu na ocasião que o grande problema do Brasil era a inflação. Ontem, no pronunciamento, ele dirigiu-se diretamente àquela senhora, chamada d' Zenina: "A inflação baixou".

Depois, contou a história de um menino que o abordou sábado, na visita a Mato Grosso do Sul, o beijou e disse: "Sarney, obrigado. Agora a Pátria é do povo". E completou: "Bem diferente do Brasil que eu encontrei no Amapá. A mulher do Amapá e o garoto de Campo Grande, dois tempos, uma só esperança. Essa esperança aumenta a responsabilidade".

"O Brasil", disse, "está em condições de preparar a sua grande arrancada, a definitiva, de implantar a mentalidade do trabalho, de um país sério, sem o espírito do jeitinho. Acabou essa noção de sermos um país que só desperta a curiosidade mundial pelo pitoresco do futebol e do carnaval, pelo sofrimento

dos índios e pelos esquadrões da morte."

Sarney concluiu prometendo que vai persistir nos programas sociais para acabar com a fome e a pobreza. Para ele, consertada a economia, o grande desafio será criar uma sociedade humana e justa, em que a miséria não ameace as instituições e o desenvolvimento. "Economia saudável, justiça social. Liberdade política. É a hora do investimento, do trabalho produtivo. Ninguém pode mais desconfiar do Brasil."

Cuidados

Cada vez mais exigente na forma e conteúdo dos seus pronunciamentos, o presidente José Sarney consumiu ontem uma tarde inteira para gravar, em duas versões, a mensagem anunciando os resultados do plano de estabilização da economia.

O presidente começou a escrever o texto pela manhã, no Palácio da Alvorada, interrompendo apenas para participar da abertura da 13ª Assembléia Nacional do Instituto Panamericano de História e Geografia, no Itamaraty. À tarde, a agenda esteve vazia, reservada exclusivamente para as gravações, assistidas por um seletivo grupo do qual faziam parte o porta-voz Fernando César Mesquita e os assessores Joaquim Campelo, Virgílio Costa (filho do poeta Odylo Costa Filho), Roberto Parreira, o presidente da Radiobrás, Antonio Carlos Drummond, além da filha Roseana Sarney.

O texto inicial previa uma fala de 26 minutos, tempo que Sarney achou longo demais e cansativo para os telespectadores. A solução foi enxugá-lo ao máximo, atingindo os

16 minutos cronometrados com todas as marcações previstas. A gravação, iniciada às 17h30, foi perfeita do ponto de vista técnico, mas o presidente, ao pedir que repetisse, não gostou. Novas palavras, novos termos foram inseridos, numa tentativa de se chegar, ao máximo, próximo de uma linguagem coloquial. O presidente buscava a perfeição, segundo explicou o porta-voz Fernando César Mesquita. Ou mais: o anúncio da deflação era também uma tentativa de Sarney de reeditar, no vídeo, o que vem cnseguindo todas as semanas no programa "Conversa ao pé do rádio": "Foi uma espécie de conversa ao pé da televisão", afirmou o porta-voz.

Finalmente, às 18h30, Sarney dava por encerrada a maratona. O pronunciamento foi retirado do Teleprompter, de onde leu com olhar fixo na Câmara, e ainda assim pediu uma repetição das duas versões, desta vez em companhia de três novos assistentes: seu genro Jorge Murad, o ex-presidente do Instituto Brasileiro do Café (IBC), Carlos Alberto Leite Barbosa e o médico particular, Messias Dias de Araújo. A segunda versão foi então escolhida para ir ao ar.

Desmentido

O porta-voz Fernando César Mesquita rechaçou ontem os rumores de que o índice de deflação anunciado pelo presidente José Sarney correspondia à média dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo ele, a deflação de 1,48%, registrada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, corresponde à média nacional, "e foi isto que o presidente Sarney anunciou".

Brasileiras e brasileiros, boa-noite.

Venho prestar contas. Somos uma grande família. Venho falar sobre um mês do Plano Cruzado, fazer um balanço: o plano deu certo, atingiu seus objetivos e mudou o Brasil. Mas esse resultado foi possível graças ao apoio do nosso povo, desse grande povo brasileiro. O povo, no momento em que aceitou ser fiscal do presidente, assegurou o êxito desse programa.

Tabela na mão, o Brasil no coração, a vitória estava assegurada.

O povo compreendeu que, pela primeira vez em nossa história, ele não é massa de manobra. Ele não é convocado para ser manipulado, ele é o beneficiário e o destinatário da ação do governo. Pensou-se nos pequenos e não se teve medo dos grandes, dos manipuladores de papéis.

Criou-se, no País, um estado de espírito diferente. E esse espírito não pode desaparecer, não pode arrefecer, não pode passar e não pode diminuir. Vamos todos permanecer mobilizados. É um apelo, é uma necessidade, é um direito e é também um dever da cidadania.

Quero dizer que o congelamento vai continuar.

A geração mais nova só conheceu a mentalidade da inflação e essa mentalidade tem que acabar. Se nós afrouxássemos, voltaria, sem dúvida, tudo de novo. Mas nada destruirá o Plano de Estabilização da Economia que nós lançamos porque esse plano é hoje um patrimônio do povo brasileiro.

Por outro lado, estão enganados os que pensam que podem prejudicar o Projeto Cruzado.

Há um todo, um interesse geral que nos une. E o povo sabe disso e por isso está ao nosso lado. Vamos levar nossa missão com grandeza e determinação e também faremos todas as reformas necessárias à restauração do País.

A Nação já sabe que eu sou um homem simples e minha vaidade é a de sair de cabeça erguida da Presidência da República. Um poeta sabe que só a vaidade da palavra é eterna.

O governo é hoje um grupo homogêneo. Temos uma brilhante equipe de jovens, equipe que trabalha com grande espírito de corpo: na área econômica, na área social e na área política. Nós estamos unidos e pedimos ao povo que esteja unido conosco, porque juntos nós já sabemos que venceremos.

Brasileiras e brasileiros. Esperei até hoje para falar à Nação porque não dispunha dos dados oficiais do IBGE. Sábado os recebi e pessoalmente eu quis fazer este anúncio, porque é um anúncio inédito para um presidente da República, no nosso País.

Comunico aquilo que todos já sabemos: que nós não tivemos inflação no mês de março. E mais ainda: tivemos uma desinflação, isto é, o custo de vida dos trabalhadores, de todo o povo caiu 1,48%. No item alimentação, a queda foi bem maior: menos 5%.

Você, que tinha o seu salário desvalorizado em 15% ao mês, aumentou o seu poder de compra. Você, que a cada semana antes do cruzado, comprava menos e pagava mais, sabe agora que sua moeda é forte. E a cesta básica está mais cheia por causa do fim da inflação e da baixa dos preços dos gêneros alimentícios.

O DISCURSO

Aqui, a íntegra da fala do presidente Sarney

Vivemos um instante novo na nossa Pátria.

Jamais volte a ocorrer, neste país, a separação que nos destruiu: a casa dividida. E a casa dividida não prospera. Uns poucos exploravam muitos e exploraram durante muito tempo. A especulação, a agiotagem, a ciranda financeira levaram este país à beira da convulsão total. A Nação estava ingovernável. Deus é testemunha dos problemas que eu enfrentei. E veio de-le a coragem para atravessar essas dificuldades.

Chegou agora a hora da reconstrução. Há um ano, nós tínhamos o caos e hoje nós lidamos com a esperança.

O balanço do primeiro mês do cruzado afirma que não aconteceu nenhuma daquelas previsões pessimistas.

Não existe nenhum desvio estrutural comprometendo o êxito do nosso programa. É um programa vitorioso e definitivo.

Ele em nada compromete o crescimento econômico, que continua e continuará em torno de 5%, conforme o planejamento nosso.

A taxa de emprego vai subindo a índices superiores aos do ano passado. Neste ano de 86, o emprego cresceu 2,97%. As vendas do comércio varejista aumentaram, em março, 10%. No setor das exportações, esse aumento foi de 34%, o que significa um superávit de US\$ 665 milhões.

A indústria cresceu 12% e, como exemplo, a indústria do aço em 10%. Um dado muito significativo também foi o crescimento de 9% do setor de energia elétrica, em relação a fevereiro. Estes números mostram que o Plano Cruzado não trouxe nenhuma queda da economia. O abastecimento está normal, as vendas em expansão. O governo está fazendo seus estoques reguladores e, pouco a pouco, as discussões que se processam entre produtores e varejistas vão sendo ajustadas. Com a retirada dos custos financeiros, eles negociam livremente o preço justo e a parcela de lucros que deve caber a cada um.

Na área bancária, ao contrário do que foi divulgado, os dados que estão à nossa disposição mostram que o setor está-se ajustando dentro de parâmetros absolutamente normais.

Volto a reafirmar isto: o Plano Cruzado deu certo e por isso jamais vamos recuar, não vamos retroceder e os preços vão continuar congelados e fiscalizados, fiscalizados sobretudo pelo cidadão brasileiro que sabe, hoje, e exerce os seus direitos de cidadania.

Brasileiras e brasileiros, Todos nós pagamos impostos. Quando se compra um quilo de arroz, de carne, qualquer coisa, uma parcela do preço que se paga é imposto. Esse imposto é para manter os serviços públicos. Não pode ser roubado, nem dilapidado, nem mal empregado. Em qualquer nível — no municipal, no estadual e no federal — todos devem saber que o dinheiro do povo deve ser bem aplicado.

Dessa consciência nasce o fiscal também do supermercado, o fiscal da Previdência, o fiscal da esco-

la, o fiscal da merenda, o fiscal dos programas sociais, enfim, o fiscal de tudo dentro da nossa sociedade.

Estamos fazendo o máximo na administração pública. Esse governo — o povo brasileiro já sabe — não é uma festa.

Se aumentamos os preços em qualquer setor, quem vai pagá-los? Certamente o povo. E os preços estão congelados. Se os custos aumentarem, os preços têm de aumentar. Assim, com seu apoio, eu não posso nem transigir, nem recuar e nem ceder. Agora iniciamos o processo de mudança das mentalidades viciadas pela inflação.

Vinhamos caminhando, já sem controle possível, para a estatização total dos meios produtivos, extinguindo a economia de mercado na medida em que o processo arruinava a iniciativa privada, única força capaz de mantê-la viva.

Brasileiras, que tanto nos ajudaram, brasileiros,

O programa é esse. Está dando certo e vai continuar.

Devo contar um pequeno episódio. Há alguns meses, no Forte de São José do Macapá, depois de uma longa viagem visitando o Oiapoque, ouvi cantar um grupo folclórico do Marabaixo, que é um folguedo popular que veio da África, ao longo da conquista. Uma velha senhora, descendente de escravos, saudou-nos com uma elegante ironia:

"Seu Zé Sarney, como vai, Como passou?"

Já sei o que o senhor veio dizer que a nossa inflação baixou..."

Curvei a cabeça. Eu nada podia responder. Mas senti que até nos confins do Brasil, mesmo nos momentos de alegria, a inflação era o grande problema. Ela confiscava os salários, não mexia só com o bolso, mas com o estômago. Ela estava na raiz de tudo, corroendo a vida do povo e os valores da nacionalidade.

A Dona Zenina mandou a resposta do seu delicado grito de revolta e de apelo:

—A inflação não só baixou, mas a inflação acabou!

Tenho andado pelo País inteiro. Há no olhar de cada brasileiro um brilho diferente. O Brasil está mais livre, mais alegre, confiante, mais consciente do seu destino.

Sábado, em Campo Grande, lá no Mato Grosso do Sul, um menino, tímido, beijou-me e disse:

"Sarney, obrigado!"

Agora a Pátria é do povo".

Que bela frase: "A Pátria é do povo". Bem diferente do Brasil que eu encontrei naqueles dias do Amapá.

A mulher do Amapá e o garoto de Campo Grande, dois tempos, mas uma só esperança.

Essa esperança aumenta muito a minha responsabilidade.

Brasileiras e brasileiros,

O Brasil está em condições de preparar a sua grande arrancada, a arrancada definitiva de implantar a mentalidade do trabalho, de um país sério, sem o espírito do jeitinho. Acabou essa noção de sermos um país que só desperta a curiosidade mundial pelo pitoresco do futebol e do carnaval, pelo sofrimento dos índios e pelos esquadrões da

morte. Essa página está sendo virada e para sempre.

Temos o lugar número oito entre as economias mais desenvolvidas do Mundo Ocidental. Mas nos indicadores sociais temos o lugar 57. Nessa área, na área social, estamos juntos de alguns dos mais pobres países da África ou da Ásia. Isso também não pode continuar. É outra doença terrível de nossa sociedade que temos de acabar.

Vamos persistir nos programas sociais para acabar com a fome e a pobreza. O grande desafio, consertada a economia, é este: criar uma sociedade humana e justa, em que a miséria não ameace as instituições e o desenvolvimento. Economia saudável, justiça social, liberdade política. É a hora do investimento, do trabalho produtivo. Estamos convidados, todos os brasileiros, a este grande mutirão; neste instante, fazer tudo pelo País. Ninguém pode mais desconfiar do Brasil. Dentro de alguns anos, o Brasil estará no seu lugar, porque hoje ele dá o seu grande avanço, o salto definitivo, pronto, totalmente pronto para o seu grande destino.

Era a boa notícia que eu tinha de dar nesta noite.

Muito obrigado.